



Cada sala de aula pode expor 336 pessoas por dia ao coronavírus

RISCOS | Cenário hipotético leva em conta média de 20 alunos e um professor por turma, como no Ensino Fundamental, e não considera contatos fora da sala ou do círculo familiar. No cotidiano, contatos são ainda mais numerosos

MARCELA TOSI
marcelatosi@opovo.com.br

Desde o início da reabertura gradual do comércio e outras atividades, em junho, os governos estadual e municipais no Ceará têm sido pressionados a retomar as aulas presenciais, mesmo com a pandemia da Covid-19 ainda fora de controle. As complexidades são muitas, da necessidade de voltar ao trabalho sem poder deixar alguém responsável com os filhos em casa às dificuldades do ensino remoto e aos riscos à saúde. Mesmo não sendo vítimas graves da doença, crianças e adolescentes estão no ciclo de contágio e podem transmitir o novo coronavírus.

“As escolas e salas de aula são, por sua natureza, um espaço de trocas e contatos”, afirma Severino Horácio, professor do Centro de Ciências e Tecnologia (CCT) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Horácio criou, junto da colega Michelli Barros, um modelo para calcular o número de pessoas a que cada aluno estaria exposto e o de possíveis contatos cruzados entre eles. “O que consideramos é que, pelos estudos epidemiológicos, a possibilidade de contágio é maior conforme quanto maior for a taxa de contato entre os indivíduos suscetíveis e os infectados.”

A pedido do O POVO, o pesquisador analisou, a partir da média de estudantes por turma, cenários possíveis para escolas no Ceará em quatro níveis de ensino: Infantil, Fundamental 1, Fundamental 2 e Médio. Mantendo relação com o perfil populacional médio do Estado, as hipóteses consideram que cada professor mora com um cônjuge e dois filhos e que cada aluno vive com dois adultos e um irmão. Nessas condições, em uma aula para uma turma dos anos iniciais do Ensino Fundamental com 20 estudantes e um professor, cada pessoa estaria exposta a outras 85. Considerando contatos cruzados, seriam 336 possibilidades de contágio em um único dia.

A situação varia conforme se alteram as quantidades de alunos e de professores em cada turma. Uma turma do Ensino Médio, com 35 estudantes e dez professores, coloca cada pessoa exposta a outras 179 e gera 1.206 contatos indiretos. “Vale ressaltar que não consideramos que os professores ministram aulas em outras turmas, nem que eles e alunos tiveram contato com outras pessoas fora de suas classes ou de suas residências. No cenário real, esses números são ainda maiores”, aponta Horácio.

Outros dois cenários analisados não deixam de ser alarmantes. No Ensino Infantil, cujas turmas têm em média 17 alunos, em um único dia de aula, 72 poderão ser expostas ao vírus e haveria 261 contatos cruzados. Já em uma sala de Ensino Fundamental 2, com média de 26 estudantes e dez professores, deixa 144 pessoas expostas e torna possíveis 846 contatos cruzados.

FCO FONTELE



SALA DE AULA: retorno das aulas presenciais está previsto para setembro no Ceará, mas opção de aulas remotas será mantida

Insegurança

Profissionais de saúde apontam falhas de protocolos

“Já temos 8 mil mortos no Ceará. E se isso (morte) acontecer na volta às aulas, quem será responsável? A escola? O governo? Os pais? Ou trataremos como um acidente algo extremamente previsível?”, questiona Thereza Magalhães, professora de enfermagem, membro do Grupo de Trabalho para enfrentamento à pandemia do coronavírus da Universidade Estadual do Ceará (Uece) e mãe de duas meninas.

Para a professora, a testagem frequente de professores, funcionários e estudantes não garante segurança. “O resultado do teste representa apenas a situação no momento exato do teste; meia hora depois, eu posso ter contato com uma pessoa contaminada e pegar o vírus.”

De acordo com dados do IntegraSUS, até as 10h24min de ontem, 12, foram registrados 3.723 casos de Covid-19 em estudantes cearenses. Destes, quatro morreram e 3.451 estão

recuperados. Outros 2.507 casos estão em investigação.

Segundo a epidemiologista Lígia Kerr, os riscos são para crianças pois podem desenvolver a Síndrome Multissistêmica Inflamatória Pediátrica, que tem 41 casos registrados no Ceará, e também para os funcionários das escolas e famílias.

Outra questão levantada por Lígia é o universo ainda desconhecido da Covid-19. “Temos pesquisadores tentando entender, por exemplo, porque Fortaleza não teve alta de casos depois da reabertura. Existem pessoas mais protegidas? Existem sintomas e consequências que ainda não sabemos?”

Diante disso, a epidemiologista, que é também mãe de duas meninas, acredita que o caminho é aprender com experiências de outros países, além de buscar procedimentos de segurança que levem em conta a diversidade de condições das famílias e das escolas.

Indefinição

Sinepe defende ensino híbrido e decisão a critério dos pais

Inicialmente, o retorno de aulas presenciais aconteceria com a entrada na fase 4 de reabertura das atividades, o que aconteceu no dia 20 de julho em Fortaleza. Entretanto, os grupos de trabalho coordenados pelo governo estadual e pela Prefeitura decidiram postergar a volta para a primeira semana de setembro - segundo anúncio em live no último dia 1º. Para o Sindicato dos Estabelecimentos Particulares do Ensino (Sinepe) do Ceará, a reabertura escolar deveria ser imediata, havendo possibilidade de ensino híbrido e da escolha das famílias para o regresso ou não dos alunos.

“Desde início de julho que trabalhamos na elaboração de protocolos, treinamos funcionários, adequamos os espaços físicos e organizamos a volta de forma gradual. Ao mesmo tempo, a gente tem mais possibilidade de controlar

a entrada e o cumprimento das medidas de biossegurança que qualquer outro estabelecimento”, pondera Andréa Nogueira, presidente do Sinepe-CE. A professora avalia que além de atender a demandas de pais que precisam de um lugar seguro para deixar os filhos enquanto trabalham, o ensino híbrido tem o papel de apoio emocional, manutenção de convívio social e auxílio aos alunos que tem dificuldades para aprender remotamente.

Para ela, os dois meses iniciais de fechamento foram adequados e regulamentação do ensino online, providencial. Todavia, as portas seguem fechadas por mais tempo que o esperado e levantam incertezas. Segundo dados do Sindicato, 180 instituições fecharam e 34% dos profissionais da educação foram demitidos desde o início da pandemia.

RISCOS DE EXPOSIÇÃO EM UM DIA DE AULA

Análise considera dados do Inep para média de alunos por turma e do IBGE para média de pessoas por família. Número de professores por turma pode variar dependendo da escola e das disciplinas ofertadas.

Educação Infantil

17 alunos/turma



(considerando que cada aluno convive com dois adultos e mais uma criança e que o professor(a) tem um cônjuge e dois filhos)

72

é número de pessoas expostas, no caso desta única turma, num único dia de aula.

261

é o número de contatos cruzados que poderá chegar

Anos iniciais do Ensino Fundamental

20 alunos/turma



(considerando que cada aluno convive com dois adultos e mais uma criança e que o professor(a) tem um cônjuge e dois filhos)

84

é número de pessoas expostas.

336

é número de possíveis contatos cruzados entre essas pessoas

Anos finais do Ensino Fundamental

26 alunos/turma



(considerando que cada aluno convive com dois adultos e mais uma criança e que eles têm dez professores que moram com seu cônjuge e têm em média 2 filhos)

144

é número de pessoas expostas nesta sala de aula.

846

é número de possíveis contatos cruzados nessa turma

Ensino Médio

35 alunos/turma



(considerando que cada aluno convive com dois adultos e mais uma criança e que eles têm dez professores que moram com seu cônjuge e têm em média 2 filhos)

180

pessoas diretamente expostas

1.206

contatos cruzados